

CORPO - REFLEXO DE SEXUALIDADE E MASCULINIDADE EM *UM CERTO CAPITÃO RODRIGO DE ERICO VERÍSSIMO*

THE BODY - REFLECTION OF SEXUALITY AND MASCULINITY IN *A CERTAIN CAPTAIN RODRIGO*, BY ERICO VERÍSSIMO

Dóris Helena Soares da Silva Giacomolli

<dorishssg@gmail.com>

Doutoranda em História da Literatura

Programa de pós-graduação em Letras

Universidade Federal do Rio Grande-FURG, Rio Grande do Sul, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/7121110420173190>

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise da obra *Um certo capitão Rodrigo*, de Erico Veríssimo, centrando-se nas relações de masculinidades tendo o corpo como veículo das construções sociais, da edificação da feminilidade ou da masculinidade, analisando, majoritariamente, em que medida esses corpos reproduzem aquilo que a sociedade dita. Este texto também pretende avaliar a personalidade do próprio Rodrigo Cambará, sua vaidade, sua virilidade tendo como portador o corpo físico, principalmente no que se refere aos aspectos da representação corporal, e de como a construção generificada deste personagem engloba as questões de machismo manifestadas, partindo da captação de particularidades e comportamentos entendidos ora como sociais, ora como psicológicos. Usam-se, como referência teórica, os trabalhos de Connell (1995, 1995a, 1997, 2015 e 2015a) e seu conceito de gênero que nos diz que o corpo tem seu foco nas relações sociais. Os corpos carregam as marcas da sexualidade, são marcados por intensas relações de poder e por isso são incluídos nos embates de gênero. Raewyn Connell assegura que os corpos são agentes e resultados de uma construção social, assim como são preparados dentro da sociedade para representarem o que é associado com o masculino e o feminino. Propõe-se analisar os corpos no que representam, segundo Connell (2015a), a base para padrões sociais de gênero, manifestando-se em diversos formatos e apresentando problemas em diferentes frentes.

Palavras-chave: *Um certo capitão Rodrigo*; Connell; Corpos; Sexualidade; Masculinidades.

ABSTRACT

This paper proposes an analysis of the work *A certain Captain Rodrigo*, by Érico Veríssimo, centering it in the relations of masculinity that pervade the narrative, and the body as a vehicle of social constructions, the building of femininity or masculinity, analyzing mainly to what extent these bodies reproduce what society dictates. This text also aims to analyze the personality of Rodrigo Cambará, his vanity, his virility having as carrier the physical body, especially in the aspects of body representation, and how the gendered construction of this character includes the manifested machismo issues, starting from the capture of particularities and behaviors understood as either social, sometimes as psychological. It has as theoretical reference the works of Connell (1995, 1995a, e 2015 e 2015a) and her concept of gender that tells us that the body has its focus at social relations. Bodies bear the marks of sexuality, are marked by intense power relations and are therefore included in gender clashes. Raewyn Connell asserts that bodies are agents and results of a social construction, just as they are prepared within society to represent what is associated with the masculine and the feminine. It proposes to analyze the bodies that represent, according to Connell (2015a), the basis for social patterns of gender, manifested in different formats and presenting problems in different fronts.

Keywords: *A certain Captain Rodrigo*; Connell; Bodies; Sexuality; Masculinities.



1 INTRODUÇÃO

O que é um corpo? Ele existe independente das condições da sociedade em que estamos inseridos e de sistemas culturais; é o substrato biológico de que somos feitos, mas o corpo não escapa das construções sociais e nem, portanto, da edificação da feminilidade ou da masculinidade. Conforme Connell (1997) os corpos são agentes e resultados de uma construção social; são preparados dentro da sociedade para representarem o que é associado com o masculino e o feminino, para reproduzir os ditames da sociedade que exaltando um corpo que espelhe o que é considerado normatividade nesta sociedade, reafirmando a masculinidade ou exaltando a feminilidade. Os seres humanos trabalham seus corpos, sejam masculinos ou femininos, com a ajuda desta coletividade (e de milênios de práticas sociais incrustadas que determinam os processos pelos quais as pessoas refletem suas disposições) em sua totalidade de práticas sociais por meio de métodos e técnicas corporais diversas. Cabe-nos, então, pensar em que medida os corpos importam nessas configurações de gênero, e fundamentalmente, na construção das masculinidades. O corpo, enquanto categoria de análise, existe, independente das condições da sociedade em que estamos inseridos e de sistemas culturais; tanto pode ser compreendido como o substrato biológico de que somos feitos, quanto não escapa das construções sociais e nem, portanto, da edificação da feminilidade e/ou da masculinidade.

As diferenças biológicas também agem sobre esses corpos: o lado social e o biológico não podem ser compreendidos separadamente:

Corpos são tanto objetos da prática social quanto agentes da prática social. Os mesmos corpos, ao mesmo tempo, são ambos. As práticas nas quais os corpos estão envolvidos formam estruturas sociais e trajetórias pessoais, as quais, em retorno, fornecem as condições para novas práticas que se dirigem para os

corpos. Há um *laço*, um circuito unindo processos corporais e estruturas sociais. (CONNELL, 1997, p. 267)

Nossos corpos estão envolvidos com as práticas sociais, têm intensa conexão com elas e são comprometidos pelo que fazemos deles, e com eles, no nosso dia-a-dia; são, enfim, afetados pelos processos sociais. Para Connell, gênero é o modo pelo qual a sociedade considera os corpos e as implicações desse modo de ver esses corpos nas atuações do cotidiano e nas práticas individuais e coletivas.

Não há como edificar a masculinidade, sem dar a devida importância ao corpo. Assim como as masculinidades são plurais, também os corpos o são; cada um com seu fluxo privado e distinto. Há uma complicada relação entre corpo, masculinidade e sexualidade; não havendo masculinidade no singular também não há a expressão “corpo”, no singular, mas “corpos”. No plural e na diversidade, cada um deles com um caminho a percorrer.

Connell entende que a sociedade considera e trata o corpo um campo, uma arena, trazido para os processos sociais; assim sendo, a conduta social faz alguma coisa com a diferença reprodutiva. Ele continua dizendo que o conceito de gênero não deve deixar o corpo de lado, como se fosse apenas um produto de construções sociais. Como diz Connell (1995a), é pelo gênero que a prática social se dirige aos corpos e que, para compreender o modo da estruturação do gênero, são essenciais as distinções entre corpos, principalmente aquelas relacionadas ao sexo, mas que, não necessariamente, gênero deve refletir uma diferença entre macho e fêmea reificada pela cultura. Um corpo musculoso pode ajudar a destacar um masculino e levá-lo a ocupar posição de relevância em detrimento de corpos menos significantes, assim como um corpo feminino, dentro dos padrões admirados pela sociedade, pode colocar-se em destaque.

A representação que tem o corpo como metáfora das relações sociais hierárquicas entre masculinidades, apontadas por Connell (1995), nos diz que apenas alguns homens, com corpos bonitos e sadios, centralizariam o poder na sociedade. O topo da pirâmide das relações sociais é ocupado por pessoas com corpos de boa postura.

Pierre Bourdieu, em *A dominação Masculina*, (1999) também nos diz que "o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas" (BOURDIEU, 1999, p. 23) O que for considerado desviante será sancionado e rejeitado; o que estiver dentro dos padrões será

ratificado. Qualquer violação às práticas sociais será punida ou ignorada. Não há como edificar a masculinidade, sem dar a devida importância ao corpo já que este mantém uma complexa relação com a masculinidade e a sexualidade. Assim como as masculinidades são plurais, também os corpos o são; cada um com seu fluxo particular e distinto. Se os corpos existem no plural e na diversidade, cada um deles procura seu próprio caminho a percorrer. Pierre Bourdieu nos diz que as diferenças entre os sexos são edificadas socialmente, baseadas numa visão e num comportamento ancestral onde o homem é valorizado: "as diferenças visíveis entre os órgãos sexuais masculino e feminino são uma construção social que encontra seu princípio nos princípios de divisão da razão androcêntrica" (BOURDIEU, 1999, p. 24), que "condensa duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada" (BOURDIEU, 1999, p. 33) pois, segundo ele "as diferenças de sexo e gênero são produtos de "um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social" (BOURDIEU, 1999, p. 9) Cada um dos dois gêneros são frutos de um contínuo construir com a ajuda coletiva de toda uma sociedade; construção essa que se espelha nos corpos. O gênero e a corporeidade são construções sócio-discursivas que se dão por processos de reprodução social e cultural que se dá durante a escolarização, reprodução dos padrões da sociedade. Esses processos podem ser mais sofisticados e podem levar à conquista de objetivos ambicionados, a retratar estilos compatíveis com o modelo de vida cobijado, a refletir os comportamentos adequados aos padrões de trabalho ambicionados e/ou as expectativas de relacionamento afetivo-sexual, ou à ocupação do lugar almejado na hierarquia social. Abre-se um parêntese, para dizer que Connell analisa a teoria da reprodução de Boerdieu a partir de viés historicista, concluindo que falta a ele uma visão dinâmica e histórica das relações sociais, uma ausência de uma visão histórica.

Um certo capitão Rodrigo, de *O tempo e o vento*¹, tem personagens com representações bem marcadas do masculino tanto quanto do feminino e da identidade sexual inscritas nos corpos das mais diferentes maneiras, fazendo com que esses corpos desempenhem funções relevantes na conduta e fundamentais nas trajetórias dos personagens.

¹ "Um certo capitão Rodrigo" faz parte de *O continente*. Foi publicado em 1949, abrindo a trilogia que Erico Verissimo denominou *O tempo e o vento*.

O corpo é muitas vezes usado com sinônimo de arma usada em batalhas: “Por fim se atracaram num corpo a corpo furioso, cabeça contra cabeça, peito contra peito.” (VERISSIMO, 1995a, p. 233, grifo nosso) Mas esse mesmo corpo pode significar segurança e proteção: “ Nos braços do marido agora ela sentia o calor voltar-lhe ao corpo, e a pressão dos braços dele lhe fazia bem, dava-lhe uma sensação de segurança, de proteção.” (VERISSIMO, 1995ap. 285, grifo nosso) Um corpo pode, ainda, significar a vida:

Rodrigo não ouviu a pergunta. Precipitou-se para casa, entrou e tomou Bibiana nos braços, cobrindo-lhe o rosto de beijos. Ela não pôde falar, engasgada. À vista do marido, cuja voz ouvira antes de ele entrar em casa, sentira uma onda de calor tomar-lhe conta do corpo. Era como se ela voltasse à vida depois de estar morta e fechada num túmulo: era como se o sol se abrisse de repente depois duma temporada longa de chuva e céu nublado. (VERISSIMO, 1995, p. 255, grifo nosso)

O corpo de Bibiana está diretamente relacionado ao corpo de Rodrigo. Se ele se distanciava, sentia-se morta, se a tocava, renascia. Essa nova identidade sexual de Bibiana está fortemente marcada pelo corpo; as marcas de masculinidades do corpo de Rodrigo se refletem sobre o corpo de Bibiana e a subjagam.

2 A INFÂNCIA DE RODRIGO CAMBARÁ

Valinief (1972) descreve a fragilidade do ser humano ao nascer; um ente delicado carente de muitos cuidados:

O ser humano apresenta esta característica essencial: é a entidade mais frágil do reino animal, quando nasce; a mais delicada, a menos apta para a sobrevivência. Um potrinho, assim que se desembaraça da placenta, já pode dar alguns saltos desajeitados; para um gatinho, são necessários apenas alguns dias para que abra os olhos e são necessárias apenas algumas semanas para que o pequeno pássaro possa voar só. O recém-nascido humano vem ao mundo num estado de insuficiência que lhe seria catastrófico se não tivesse uma família para olhar por ele... Assim, a criança que toma, pouco a pouco, ao longo de todos esses anos de sua formação, consciência de si mesma, considera-se a princípio como algo inferior, menor (VALINIEFF, 1972, pp.106-107)

O autor Valinief (1972) nos diz da fragilidade da criança e da dependência da família e que, na falta dessa, pode desenvolver-se um estado de insuficiência do qual adviria o anseio de superioridade que permitiria uma melhor inclusão no mundo: “Mas, de uma pequenez a criança tomará uma força: é um desejo quase imediato de afirmar-se em relação ao mundo. O fim de toda

a existência humana está, pois, comandado por uma “sede de poder” destinada a procurar a superioridade sobre o meio ambiente.” (VALINIEFF, 1972, p. 108)

De Adler (1967) é a noção de *compensação* na formação da personalidade de um indivíduo, uma impressão subjetiva, no sentido de luta - luta pela adaptação ao meio social em que vive, pela consideração social, pelo desejo de equilibrar-se psíquica e socialmente ao seu meio; não por decisão consciente, mas por ser necessário à sua adaptação a uma vida em sociedade. “O interesse social é a verdadeira e inevitável compensação de todas as fraquezas naturais dos seres humanos.” (ADLER, 1967, p. 31)

Segundo Adler (2003) dessa fragilidade que existe no homem, surge, no indivíduo, um sentimento de inferioridade. Esse sentimento surge na infância, quando a criança acha-se dependente e incapaz de suas realizações, quando se sente pequena em relação ao mundo que a cerca. Dessa noção de sua própria inferioridade, a criança faz nascer um desejo compensatório de superioridade, de dominação e de poder que pode conduzir a alguma forma de sucesso pessoal, ou traduzir-se em desejos irrealistas e na busca de objetivos irrealizáveis de compensação.

Benites (2015) ressalta a importância das experiências pessoais que fazem parte da vida do sujeito desde a infância e a influência destas no desenvolvimento de valores e de objetivos para os quais o indivíduo irá se voltar para compensar seus sentimentos de inferioridade adquiridos em tenra idade e inserir-se completamente no meio social, ao se tornar um adulto:

Desde a infância, cada indivíduo desenvolve objetivos específicos de vida, que funcionam como centro de realização, influenciados por experiências pessoais, valores, atitudes e personalidade. Esses objetivos são formulados quando a criança procura formas de compensação de sentimentos de inferioridade, insegurança e desamparo num mundo adulto. (BENITES, 2015, p. 6)

Segundo Connell os corpos são objetos e agentes das práticas sociais. De acordo com Benitez (2015) e Adler (1967), desde o nascimento há um determinado modo de compreensão da natureza e da conduta humana e o ser humano desenvolve objetos específicos numa luta para garanti-los e inserir-se na vida social; ele luta por adaptar-se e incluir-se na sociedade que escolheu para colocar-se. De que forma a criança toma conhecimento de si? De que forma as práticas sociais agem e determinam os corpos? Quais as consequências desse conhecimento do ponto de vista individual e social? Para ponderar sobre isso, para chegarmos perto de um maior entendimento dessas questões, lançamos mão de alguns importantes conceitos teóricos dos

processos que compreendem, principalmente, o gênero e sexo e de como essas categorias são veiculadas no corpo e de como elas são vistas dentro da estrutura formal da sociedade, em particular da sociedade de Santa Fé. Esses conceitos buscam apoio nas falas do personagem Rodrigo Cambará. Para explicar o personagem que dá nome ao capítulo e os conceitos com os quais lhe caracterizou a ficção em *Um certo capitão Rodrigo* há a tentativa de definir no personagem, um perfil psicológico e descobrir em seu discurso o que se refere à sexualidade, religião, costumes sociais, e (por que não?) o surgimento de um desejo compensatório de superioridade.

Rodrigo Cambará se criou sem mãe, com doze anos trabalhava no campo com a peonada, sem muitos pensamentos e nem muitos questionamentos, aceitando o que estava por vir. Ele assim descreve sua infância: “Nasci caminhando como filho de perdiz.”² (VERISSIMO, 1995, p. 211)

Padre Lara, em suas reflexões, admite que Rodrigo era um produto do meio social em que fizera-se homem:

Gostava de Rodrigo: gostava tanto que lhe perdoara todas as suas ofensas à Igreja, todas as blasfêmias, todos os atrevimentos. Conhecera outros homens assim. Eram o produto da vida que levavam, da educação que tiveram. Que se podia esperar dum menino criado no meio de soldados nos acampamentos ou de peões e índios vadios nos galpões, nos bolichos, nas canchas de carreira e de jogo de osso? A guerra tinha sido talvez sua única escola. No entanto o vigário sabia que no fundo Rodrigo Cambará era um homem de bons sentimentos. (VERISSIMO, 1995, p. 245, grifo nosso)

O capitão Rodrigo, ao dar-se a conhecer, reduziu seu atuar a um reflexo de seu nascimento, um conjunto de fatores originados em sua infância: “— Não é minha culpa. Nasci assim.” (VERISSIMO, 1995a, p. 210) O personagem afirma que certos aprendizados são adquiridos na infância e que é totalmente impossível modificá-los depois de adulto: “— Que é que vou fazer? Nasci assim e estou velho demais pra mudar.” (VERISSIMO, 1995a, p. 203) Pode-se ver o personagem dependente, num estado de insuficiência, e incapaz de suas realizações pela falta de

² Acreditamos que o sentido dessa declaração de Rodrigo talvez seja significar que se criou sozinho, sem mãe, pois a perdiz fêmea, logo após postar seus ovos, sai em busca de outro companheiro para preparar nova ninhada deixando a antiga ninhada aos cuidados do perdiz macho, o responsável pela incubação dos ovos. Informações retiradas de “Avaliação do desempenho reprodutivo de perdiz” (*Rhynchotus rufescens*) em Zoológicos brasileiros durante o período 1991/2001. Disponível em <http://www.spzoo.org.br/avaliacao-do-desempenho-reprodutivo-de-perdiz/> Acessado em 09 de jan. 2015.

uma família na qual tenha podido projetar-se e por isso sentiu necessidade de usar o meio ambiente em que vivia para superar-se, para seguir seu rumo, ou achar seu caminho: “— Qual! Há certas coisas que a gente ou aprende quando é menino ou nunca mais.” (VERISSIMO, 1995, p. 206) O sentimento de inferioridade ao qual Adler (1967) se refere, pode ser muitas vezes um motivador para a superação; podendo o indivíduo fazer dessa falta, um fator de força e daí formar uma personalidade peculiar. Ao procurar não sentir-se diminuído, pode se orgulhar de suas próprias qualidades, aumentando assim seu valor e sua dignidade:

— Me criei guaxo. Não conheci mãe. Com doze anos já trabalhava no campo com a peonada bem como um homem-feito. Com dezoito tinha sentado praça e já andava brigando com os castelhanos. Daí por diante sempre vivi ou brigando ou correndo mundo. [...] — Nunca aprendi nenhuma reza nem me habituei a ir à igreja. (VERISSIMO, 1995a, p. 206)

Connel (1995a) nos diz que “não há como edificar a masculinidade, sem dar a devida importância ao corpo” (CONNEL, 1995a, p.45) e, por isso, há que se refletir sobre o corpo (de fluxo determinado, privado e distinto) do capitão Rodrigo e sua complicada relação com os corpos dos outros personagens, tanto os masculinos quanto os femininos, assim como se faz necessário pensar as masculinidades (plurais) e a sexualidade dos personagens que o circundam.

Os indivíduos podem usar suas próprias bagagens instintivas para defenderem-se e afirmarem-se no campo social, agindo de forma valente e corajosa, mostrando-se despreocupados e senhores de si mesmos, através de diversas expressões corporais: “—Sei que sou meio esquentado e às vezes falo alto demais.” (VERISSIMO, 1995a, p. 206) E assim, o capitão Rodrigo apresenta-se em Santa Fé, cidade fictícia do interior do Rio Grande do Sul, imaginada pelo escritor Erico Verissimo.

3 O CORPO DE RODRIGO

A definição do corpo de Rodrigo expõe características inscritas na identidade do masculino e causavam reações controversas nas pessoas. “O diabo do homem tinha feitiço.” (VERISSIMO, 1995, p. 180) Rodrigo tem um corpo forte e saudável e é descrito como um homem belo.

O personagem tem temperamento que se adéqua à imagem corporal que carregava. Seu corpo “dum branco rosado” (VERISSIMO, 1995, p. 254) expressava suas características mais relevantes; marcas intensas de sua masculinidade e sexualidade. “O nariz era reto e fino, os beijos dum vermelho úmido, meio indecente, e o queixo voluntarioso.” (VERISSIMO, 1995, p. 177)

Rodrigo transmitia sexualidade, o que provocou não só o amor de Bibiana, como inspirou nela uma forte atração sexual: “Pensava na voz dele e sentia um calor no corpo. Não, não era bem calor. Era um amolecimento morno, uma vontade de... de que mesmo? Ela não sabia direito. Melhor: sabia, mas não queria saber e só de pensar nisso corava, ficava perturbada, errava o ponto do bordado.” (VERISSIMO, 1995a, p. 192)

3.1 VAIDADE

Verissimo, em *Solo de clarineta* (1980), menciona “a sensualidade, o amor à vida, a bravura, a generosidade, a vaidade à flor da pele, a autoindulgência e a mágica capacidade de fazer dos homens amigos fiéis até o sacrifício e das mulheres amantes apaixonadas.” (VERÍSSIMO, 1980, p. 304, grifo nosso); atributos do seu personagem capitão Rodrigo Cambará. Todo o corpo de Rodrigo expressava superioridade e atrevimento e vaidade.

As roupas, nas quais os personagens se apresentam, acabam por ser parte primordial desse jogo de poder que se dá no e através da representatividade dos corpos, pois como afirmado por Sartre (2013), “se a nudez permite apreciar o esplendor do corpo, este, no entanto, geralmente é mais vestido que despido. E o corpo é uma elegância na qual a virilidade se acomoda” (SARTRE, 2013, p. 45).

Seu modo de vestir era diferente dos outros personagens de Santa Fé. Rodrigo ostentava o seu lenço vermelho que também queria dizer muitas coisas sobre sua pessoa. “Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólmã militar azul, com gola vermelha e botões de metal.” (VERISSIMO, 1995a, p. 174) Uma farda do exército só pode ser usada no exercício da função. Um homem fardado deixa de ser um civil e passa a significar uma patente, um

posto, uma hierarquia, um padrão de conduta e disciplina;³ mas o capitão usava sua farda, fora de situação de atividade e de atuação funcional, estando ele já incorporado à sociedade civil.

Rodrigo continuava a vestir uma farda, ou apenas metade da farda, como se fosse uma peça de vestuário comum, talvez por vaidade, com o intuito de fazer com que sua virilidade de guerreiro se sobressaísse, se acomodasse.

O que o homem veste diz muito de si próprio já que a imagem que ele passa aos outros homens é muito mais de um corpo coberto de roupas do que despido. A preocupação com “as vestimentas e as particularidades corporais (cabelos, pelos) falseiam as partes maiores ou menores da feminidade de um indivíduo, e indiretamente, os limites de sua virilidade.” (SARTRE, 2013, p. 46)

Ao vestuário do capitão, acrescenta-se um lenço vermelho amarrado no pescoço. Essa cor era símbolo dos farrapos que lutaram contra o Império do Brasil (1835-1845), usavam o lenço vermelho⁴, “o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira” (VERISSIMO, 1995a, p.174) atado de maneira própria. O coronel que era republicano e usava lenço branco considerava que Rodrigo queria inferir, ao usá-lo, a possíveis atos de coragem anteriores: “Conheço um homem até pela maneira como ele anda vestido. Esse seu lenço vermelho é um sinal de fanfarronice.” (VERISSIMO, 1995a, p.197)

3.2 CORPO- ENERGIA VITAL

Rodrigo Cambará era vaidoso, não só não estava livre das preocupações com os adereços que lhe enfeitavam o corpo; mas também tinha apreensões com seu corpo enquanto energia vital e com os sinais de alerta que este corpo dava. Rodrigo angustia-se ao ver-se perdendo as energias pela inatividade. Ele era um homem enérgico, um guerreiro: “Às vezes a

³ Apenas para ilustrar que havia normas quanto ao uso de fardas, na época em que capitão Rodrigo entrou em Santa Fé, em outubro de 1828, usamos este trecho do trabalho de Almeida, 2003. Em 1831, ano de fundação da milícia, ainda vigorava o uniforme dos oficiais do Estado-Maior do Exército estabelecido em 1823. [...] No Exército, diferentes bordados dourados preenchiam toda a extensão da gola e dos canhões das mangas conforme o posto ocupado pelo oficial, a fim de identificar sua posição na hierarquia militar, enquanto na milícia as diferenças entre os postos eram contempladas apenas por combinações de estrelas e esferas colocadas no alto da manga para os postos até oficiais inferiores, e em cada lado da gola para os oficiais subalternos e outros postos superiores.

⁴ Usado ao pescoço, pode ser de diversas cores, sendo a branca e a vermelha as mais comuns. No passado, tiveram conotações políticas: o vermelho republicano (1835), maragato ou federalista (1893), maragato ou libertador (1923); a branca pica-pau (1893) e chimango (1923).

gente tem tanta força guardada no peito que precisa fazer alguma coisa pra não estourar.” (VERISSIMO, 1995a, p. 206) Viver atrás de um balcão, inativo, começava a entediá-lo, a fazê-lo desejar montar a cavalo e sair para o mundo, tinha medo de perder a energia, ficar gordo e molenga, de deteriorar-se. A domesticidade e o cotidiano eram seus os maiores inimigos.

Rodrigo ficou junto da porta da rua olhando a noite, com um desejo de montar a cavalo e sair para o campo. [...] Abriu a boca num bocejo. E de repente quase num susto - sentiu-se mais gordo, menos enérgico, um pouco molenga. Fazia tempo que não brigava, que não se movimentava. Aquela vida de balcão, que lhe enferrujava os membros (VERISSIMO, 1995a, p.289, grifo nosso)

Em outros termos, todo o seu corpo rebelava-se contra a inação. Rodrigo não podia tolerar o sufocamento do espaço doméstico e familiar. “Um fogo ardia no peito de Rodrigo, pondo-lhe um formigueiro em todo o corpo. Era uma sensação de angústia, um desejo de dar pontapés, quebrar cadeiras, furar sacos de farinha, esmagar os vidros de remédio e sair dizendo nomes a torto e a direito.” (VERISSIMO, 1995a, p.253, grifo nosso)

Precisava estar livre das amarras que o prendiam. Rodrigo só se sentiu livre quando cavalgou, nadou no rio e “[d]eitou-se debaixo da pequena cascata e ficou recebendo a água fria no peito, nas coxas e nas pernas e sentindo contra as costas e as nádegas a dureza das lajes. Agora se sentia melhor.” (VERISSIMO, 1995a, p.256)

3.3 VIRTUDE COMO SINÔNIMO DE VIRILIDADE

As concepções de *virilidade* se modificaram desde a época dos gregos e romanos e das sociedades medievais, em que se valorizava, sobretudo o perfeito masculino:

O termo *andreia* já diz que o termo latino *vir* estabelecerá por longo tempo em inúmeras línguas ocidentais, *virilita*, “*virilidade*”, *virility*, princípios de comportamentos e de ações designando, no Ocidente, as qualidades do homem concluído, dito outramente, o mais “perfeito” do masculino. A *andreia* grega, com suas referências à guerra, à bravura, à dominação sexual, é um quadro valorativo: não mais o homem, por exemplo, mas aquele que “vale” mais, não mais aquele que representa o sexo varonil, mas aquele que representa da melhor forma possível, ou maximamente o masculino. (CORBIN, 2013, p.11, grifo nosso)

O homem no sentido ideal, não somente tinha um corpo viril, era audacioso, e apresentava muita coragem diante da adversidade:

O termo *andreia* [...] possui um sentido menos sumário que a expressão homérica “ser um homem”. [...] no coração da noção encontra-se a coragem física, primeiramente aquela demonstrada em batalha, [...] mas essa *andreia* também se faz acompanhar de audácia na adversidade, de obstinação no infortúnio. (CORBIN, 2013, p. 20, grifo nosso)

O ideal clássico de beleza masculina na sociedade romana e em muitas outras sociedades era um corpo forte, colorido pelo sol: o corpo viril: corpo guerreiro, corpo atlético, em Roma, mas também em tantos outros lugares e em tantas outras épocas. Isso é tão verdade, que, como ocorre nos bronzes de Riace⁵ é impossível saber se as inúmeras estátuas antigas retratam guerreiros ou atletas. (CORBIN, 2013, p.96), mas o certo é que ter um corpo forte e viril é o objetivo de muitos homens através dos tempos, incluindo a sociedade atual onde um corpo perfeito é almejado e admirado por quase todos.

O termo *virtude*, em sua origem, não se referia somente à coragem e obstinação nas lutas. Valorizava-se também a virtude com sentido de virilidade, de poder sexual: “Para os gregos o objeto do desejo importa menos que a força deste desejo e a capacidade do indivíduo para satisfazê-lo; pode-se dizer que a virilidade consiste primeiramente em satisfazer seu desejo. O que não significa dizer que todo desejo seja legítimo.” (CORBIN, 2013, p. 48, grifo nosso)

Na ânsia de satisfazer seus desejos sexuais, Rodrigo pergunta a Juvenal sobre possíveis mulheres disponíveis:

– Há muitas moças bonitas neste povo? – Algumas. – Não me refiro só a moças de família... [...] Faz dois meses que não tenho mulher... [...] Aqui todas as mulheres têm dono - explicou Juvenal Terra. - As que ainda não têm são moças de família e querem casar. Rodrigo mastigava ruidosamente, escutando. O outro continuou: - E é melhor eu ir lhe avisando, capitão, a gente desta terra é de boa paz, mas não gosta que ninguém venha lhe pisar no poncho... VERISSIMO, 1995a, p.179, grifo nosso).

Juvenal ofende-se ao ouvir que o Capitão queria mulher, procurou defendê-las dele, mas, faz ainda uma distinção entre *mulher* e *moça de família*. *Mulher* seria aquela que poderia

⁵ Os **Bronzes de Riace** são duas estátuas de bronze encontradas no mar Jônico do século V a.C. exemplos de antiga escultura grega, pertencentes ao período transitório entre a escultura grega arcaica e o antigo estilo clássico. (HENRICH, 1991) “Two monumental bronze statues were discovered by a diver in the remains of an ancient shipwreck in the Riace Marina off the coast of Calabria in 1972. After their recovery and extensive conservation in the Archaeological Museum in Florence, the Riace bronzes have now come to reside in the Reggio Calabria Museo Nazionale.”

servir aos desejos dos homens, remetendo à representação da mulher como objeto sexual; já *moça de família* queria significar moças virgens e honradas que aguardavam casamento dentro de seus lares.

4 CORPOS FEMININOS

No meio ambiente em que Rodrigo vivia, havia mulheres em abundância e estavam prontas a servi-lo. Cantando e contando as histórias das revoluções, o personagem revela a seus ouvintes como as mulheres acompanhavam os soldados pelos caminhos: “Muitas chinas percorriam/ Pelas margens dos banhados/ Levando cada uma delas/ Aos dez e doze soldados. — Pois era mesmo! — comentou Rodrigo. — A soldadesca o que queria era dormir com as piguanchas.” (VERISSIMO, 1995a, p. 183)

Os corpos das mulheres interessavam a Rodrigo primordialmente: “O sono, entretanto, não lhe veio. Ele pensava em Bibiana, nos seus seios brancos, no seu corpo jovem.” (VERISSIMO, 1995a, p. 218) O corpo de Bibiana tornou-se uma obsessão para ele:

Bibiana passou pelo forasteiro de cabeça baixa e Rodrigo devorou-a com os olhos. Viu que ela tinha as faces coradas como uma fruta madura e que seus seios eram pontudos; imaginou como deviam ser rijos e quentes... Apalpá-los seria o mesmo que apertar duas goiabas maduras. Sentiu um calor bom em todo o corpo... (VERISSIMO, 1995a, p. 195)

Enquanto o Padre Lara filosofava sobre a perfeição do corpo humano criado por Deus, Rodrigo concentrava-se especial e profundamente no corpo de Bibiana. “Vosmecê já pensou que coisa benfeita, que máquina perfeita é o corpo humano? Rodrigo pensou no corpo de Bibiana. Nu em cima numa cama, os peitos de coalhada, as pernas roliças, os beijos vermelhos. O corpo de Bibiana devia ser uma perfeição.” (VERISSIMO, 1995a, p. 205)

Amor para ele equivalia-se ao desejo sexual. Se o desejo passava, aborrecia-se, entediava-se, sentia-se sufocado, seu desejo diminuía: “já começava a achá-la menos atraente - ficava irritado com a situação e agora já pensava em outras mulheres.” (VERISSIMO, 1995a, p. 256) Seu desejo sexual passava na mesma proporção que as carnes de Bibiana não pareciam tão apetitosas, deformadas pela gravidez: “Bibiana como que se desmanchava aos poucos ante seus olhos sempre gulosos. A rigidez de suas carnes dera lugar a uma flacidez descorada” (VERISSIMO,

1995a, p. 255) Quando se decepcionou com corpo de Bibiana, “Rodrigo pensava na mulher com quem dormira todas as noites que passara no Rio Pardo: era uma mulata clara, de olhos verdes, com uma voz doce como arroz-de-leite e um corpo que cheirava a fruta madura quente do sol.” (VERISSIMO, 1995a, p.274)

No final, eram os corpos femininos que interessavam a ele especialmente, corpos não conhecidos e não explorados. “Naquele mesmo instante, atrás do cemitério, Rodrigo contemplava o corpo nu de Helga Kunz. Tinham-se amado – fazia poucos minutos - com uma fúria que o vinho, que ambos haviam bebido na festa, contribuíra para aumentar” (VERISSIMO, 1995a, p. 334)

No começo das relações, logo que conhecia uma nova mulher, as mulheres eram uma visão especial, com o qual ele se deleitava: “Agora, de pé, o capitão olhava para a rapariga, que estava estendida sobre o capim. Como era branco aquele corpo!” (VERISSIMO, 1995a, p. 335)

Nos corpos femininos ainda desconhecidos se guardava o incógnito, o desejado. “Os cabelos dela tinham um cheiro doce. Nunca em toda a sua vida ele dormira com uma mulher tão loura, tão branca e tão limpa.” (VERISSIMO, 1995a, p. 335)

Os corpos femininos desempenham funções relevantes na conduta e fundamental na trajetória do personagem. Tocar um novo corpo feminino proporcionava a ele uma nova energia. “Agora, de pé, o capitão olhava para a rapariga [...]E como os beijos da "Filha do Serigote" tinham um gosto diferente dos de Honorina! Rodrigo sentia-se tão feliz que tinha vontade de gritar.” (VERISSIMO, 1995a, p. 276, grifo nosso)

Mulheres: mulher moça era à vezes “muchacha” ou, quando ele queria depreciar a jovem, “piguancha”. (VERISSIMO, 1995a, p. 220). Relembrava com saudade o tempo quando estava no exército; o fato de ter, nessa época, muitas mulheres, uma diferente a cada dia, fazia-o sentir-se vivo: “pensando nas muitas mulheres que tivera, em como era bom estar ainda vivo. A carne que davam às tropas era pouca e ruim; a água que bebiam era turva. Mas era bom estar vivo.” (VERISSIMO, 1995, p.220, grifo nosso) Novas mulheres, novo sentido à vida: Rodrigo assemelhava possuir o corpo de novas mulheres a estar vivo.

5 VIRILIDADE COMO AFIRMAÇÃO DE MASCULINIDADE

Em seu livro *El perfil del hombre y la cultura en México* Samuel Ramos (2001) estuda homens que consideram a virilidade enquanto principal símbolo da força masculina, e única forma de salvação. Ramos (2001) afirma que esse homem “precisa de um ponto de apoio para recuperar a fé em si mesmo, mas como ele é desprovido de qualquer valor real, tem que substituí-lo com um não-verdadeiro. É como um homem que se afoga, que se agita sobre nada e de repente descobre um salva-vidas: a virilidade” (RAMOS, 2001. P. 54)⁶

Ramos (2001) afirma ainda que este homem refere-se de forma abundante a “insinuações sexuais que revelam uma obsessão fálica, que nascem para considerar o órgão sexual como um símbolo da força masculina. (RAMOS, 2001, p. 55)⁷ Rodrigo vangloriava-se de ter um poder sexual sobre as mulheres que conheceu, de ter tido muitas mulheres, orgulha-se de ter conseguido, em suas andanças, mais de uma numa mesma noite: “As castelhanas são mui lindas. — Sorriu. — Houve uma noite que eu fui para o quarto com três. E dei conta do recado. Tinha nesse tempo vinte e poucos anos... (VERISSIMO, 1995a, p.20) Reconhecer-se um mulherengo acostumado a ter muitas mulheres envaidecia o Capitão; poder contar a outros homens, quando chegasse aos lugares, vangloriar-se disso perante os que ali estavam, fortalecia-o. Era com orgulho que Rodrigo comenta, em frente aos desconhecidos, que era capaz de ter muitas mulheres. (VERISSIMO, 1995a, p.17) Ainda segundo Ramos (2001) o desejo mais forte do homem estudado é alcançar um valor maior, que o defina: a masculinidade: “Ele gostaria de ser um homem que predomina sobre todos os outros em coragem e poder... ele tenta preencher um vácuo com apenas valor dentro o único valor ao seu alcance: o de sua masculinidade.” (RAMOS, 2001. P. 59)⁸ Nosso personagem vangloriava-se de que sua masculinidade encantava as mulheres e tornava-as submissas a ele. O capitão Cambará, com frequência, repetia aos amigos íntimos: “Mulher que vai uma vez comigo pra cama, vai sempre”. (VERISSIMO, 1995a, p. 130) Tratava as mulheres como se fosse um criador de gado que coloca a sua marca para garantir a propriedade: “Essa potranquinha está laçada - concluiu. - Já botei nela a minha marca. [...] Minha marca não sai mais.” (VERISSIMO,

⁶“Necesita un punto de apoyo para recobrar la fe en sí mismo, pero como está desprovisto de todo valor real, tiene que suplirlo con uno ficticio. Es como un naufrago que se agita en la nada y descubre de improviso una tabla de salvación: la virilidad.” (RAMOS, 2001. P. 54)

⁷abunda en alusiones sexuales que revelan una obsesión fálica, nacida para considerar el órgano sexual como símbolo de la fuerza masculina. (RAMOS, 2001. P. 55)

⁸A él le gustaría ser un hombre que predomina sobre todos los demás en el valor y el poder ... se trata de llenar un vacío con sólo el valor dentro del único valor a su alcance : la de su masculinidade.(Ramos, 2001. P. 59).

1995a, p.167) A marcação de gado é cultural e necessária, a fim da distinção de propriedade. Um criador de gado usa este procedimento para que sua criação seja facilmente visualizada por outro criador. Rodrigo se refere a isso, quando diz que coloca sua marca nas mulheres; considerava que, ao possuir uma mulher carnalmente, passava a dono. Possuir o corpo de novas mulheres assemelhava-se a marcá-las, assim como o proprietário de gado marca a ferro, no corpo, a propriedade.⁹ A partir do ato sexual, o corpo dessas mulheres ficava com sua marca pessoal, passavam a ser de sua propriedade, passavam a ser “gado” de seu curral.

Para Adler (1967) não é a sexualidade que impulsiona toda ação humana, a vontade de poder. O próprio ato sexual para ser motivado, não nasce da excitação sexual mas de uma procura de ascendência sobre o parceiro. A cópula, para Rodrigo, era mais do que o ato carnal; além da excitação pelo novo, significava o espraio de sua ascendência sobre novas mulheres para sua coleção, seu rebanho.

Duas são as características mais incisivas do machismo: a capacidade de nunca aparentar o medo e a conquista de um elevado número de mulheres. Basham (1976) nos diz que “O macho é um homem que sabe mais do que ele diz, que conquista as mulheres ao seu prazer, que não sofre nenhuma injustiça sem resposta e que, acima de tudo, nunca evidencia medo. El macho, em seu estado ideal.” (BASHAM, 1976, p.127) Por meio do entendimento de suas experiências, sobre o mundo social em que viveu até fazer-se homem, Rodrigo capta, como certo, como um bem maior, o homem ter muitas mulheres, sem apegar-se a nenhuma, procurando basicamente satisfazer o que tem de mais premente: seus instintos sexuais. “Para falar a verdade, também não fora feito para o matrimônio, ou melhor, para ter uma mulher só.” (VERISSIMO, 1995a, p.256) É contra a monogamia, considerando o mundo perfeito aquele em que um homem pudesse ter direito a muitas mulheres. “No meu mundo não ia haver casamento. Um homem podia ter quantas mulheres quisesse. Dez, quinze, vinte, mil...” (VERISSIMO, 1995a, p. 257, grifo nosso) Nessa sociedade bravia, os corpos femininos (das esposas e filhas) eram valorizados e resguardados como territórios particulares. O trespasse era proibido, considerado “invasão de

⁹ Ao dono, indelegável, personalíssimo, o direito de ferrar. Algo solene, quase místico, manhãzinha, que de tarde o sol, a poeira e a fadiga do gado seriam por demais. O proprietário, tomando nas mãos o ferro quente - um cabo bem comprido, com uma madeira na ponta ou um sabugo de milho a protegê-lo. O ferro em ponto de brasa, marcava, de próspero, as reses recentes: as de compra e as de nascido. (Soares Feitosa, *Mãos*. Estudos & Catálogos – Disponível no link: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/catalogoscompleto.pdf>)

propriedade alheia.” A traição e o adultério eram ofensas terríveis e a sociedade esperava, do homem traído, que fizesse justiça com as próprias mãos, que vingasse a infidelidade com morte. O homem que se atrevesse a entrar em território pertencente a outro homem era punido com a morte. O mesmo corpo que trai sofre as consequências da traição:

— O Zé tomou a mulher dum dos meus agregados... — Outra pausa. Os olhos de Ricardo Amaral Neto brilharam por um instante. — O marido meteu-lhe chumbo no corpo. O corpo do Zé Oliveira ficou que nem peneira... — E que foi que aconteceu pra mulher? — perguntou o capitão, sorrindo. O estancieiro fez um gesto brusco e grasnou: — Não vem ao caso! (VERISSIMO, 1995a, p. 212)

Na sociedade de Santa Fé era válido, senão imperioso, “lavar sua honra”. Era necessário que todos soubessem que um homem estava sempre disposto a defender o ilimitado direito de posse que tinha, ou que julgava ter, sobre a mulher. Domínio e poder eram qualidades pertencentes aos homens, restando às mulheres uma posição de inferioridade. O corpo feminino era considerado um tesouro a qual o outro não tinha direito.

Bibiana vivia em constante estado de alerta. O mesmo corpo feminino que acendia a constante cobiça em Rodrigo provocava o ciúme de Bibiana: “Um dia uma menina morena, de sangue índio, apareceu à procura dum emprego. Bibiana examinou-a longamente: viu que tinha um rosto bonito, um corpo benfeito e respondeu:— Não preciso de criada. Sabia o que ia acontecer se a rapariga ficasse. Ajustou uma índia velha para cozinhar.” (VERISSIMO, 1995a, p. 264)

As características físicas de Rodrigo colocavam mecanismos de percepção em estado de alerta; causavam reações controversas nas pessoas, percepções quase inconscientes, e indesejáveis, como, por exemplo, o ciúme de Juvenal Terra, em várias ocasiões. (VERISSIMO, 1995a, p. 216) Mesmo depois de maior convivência com o Capitão, depois que este quase morreu ao lutar com o filho do coronel, Juvenal continuou se sentindo ameaçado pela presença e o corpo do Capitão Rodrigo:

Maruca atravessou a peça onde os dois amigos se encontravam e, levemente inquieto, Juvenal viu os olhos que o capitão botou nela. Não foi um relance casual, mas sim esse olhar comprido e faminto que ele vira muitas vezes nos doentes que, estando em rigorosa dieta de leite e mingau, veem passar alguém com um prato cheiroso de carne assada. Juvenal desejou que o amigo já estivesse de volta a seu quarto na venda do Nicolau. (VERISSIMO, 1995a, pp. 219-220, grifos nosso)

Adler (1967) chama de *protesto viril* o desejo de alcançar o lugar ocupado pelo masculino. Esse protesto viril encontra-se predominantemente nas mulheres. Em Santa Fé, nesta mesma sociedade onde era punida com morte a traição feminina, a traição masculina era tolerada. Bibiana não lutava para alcançar o lugar de Rodrigo ou para mudar-lhe o comportamento. De mulher ciumenta, alcançou a passividade. Entregara-se à virilidade dele e deixara-se marcar: “sentiu que quem tinha mais forte a marca de Rodrigo era ela mesma. Tinha-a em todo o corpo, como que feita a fogo.” (Verissimo, 1995a, p. 254) Bibiana colocou-se tão completamente em posição de inferioridade em sua relação com Rodrigo, adaptou-se tão bem às relações de poder incrustadas no corpo social que pedia a ela um lugar de inferioridade que, submissa à masculinidade de Rodrigo, não questionava as preferências do marido por outros corpos femininos. Se alguém lhe dissesse que Rodrigo a traía negava; para não sentir-se obrigada, em sua condição de subalternidade, a tomar uma atitude que não se sentia capaz:

Um dia uma de suas amigas lhe viera contar que o capitão tinha uma amásia, uma chinoca chamada Honorina, neta da Paraguaia. Ela saltara logo:

- Não acredito! E a outra:
- É engraçado. Todo mundo sabe, todo mundo vê.
- Mas não acredito.
- O pior cego é o que não quer ver... No entanto ela sabia que era verdade. (VERISSIMO, 1995a, pp. 264-265)

Bibiana aceitava: “O melhor que ela tinha a fazer era fingir que não sabia de nada. (VERISSIMO, 1995a, p. 265) Sabia que ele gostava era de mulher, que não se contentava com uma só. Mais cedo ou mais tarde havia de ficar também cansado de Honorina e passaria para outra.” (VERISSIMO, 1995a, p. 265) Não verbalizava as traições, não se rebelava; aceitava.

6 O CORPO DO OUTRO USADO COMO FORMA DE ALÍVIO E COMO SUBSTITUTO PARA O CORPO DESEJADO

As pessoas usam-se umas às outras na busca de compensação a esses sentimentos de inferioridade que surgem na infância e a que se refere Adler. (2003) A relação entre Rodrigo e Dona Paula, esposa de Nicolau, foi uma relação de uso. Rodrigo, por não poder encontrar mulheres de quem pudesse se servir, usou a esposa de Nicolau, que estava facilmente ao seu alcance: “O Nicolau tinha saído de casa e ali do outro lado do tabique sua mulher estava numa

cama... Não era nem muito moça nem bonita. Mas era uma fêmea” (VERISSIMO, 1995a, p.110, grifo nosso) Continuou usando-a mesmo quando queria o corpo de outra mulher:

De repente uma ideia louca lhe veio à cabeça e lhe tomou conta do corpo como um veneno de ação instantânea. Deu dois passos na direção de Paula, agarrou-a pela cintura, ao mesmo tempo que lhe erguia a saia. Deitou-a no catre e amou-a com pressa e fúria, pensando em Bibiana. Depois se ergueu, botou os arreios nas costas, a adaga na cinta, saiu para fora e foi encilhar o cavalo (VERISSIMO, 1995a, p. 232, grifo nosso)

Segundo Connel (2015a) os corpos são de grande importância nas práticas sociais e veículos para que o indivíduo carregue, enquanto agente, seu desejo compensatório de inferioridade, dominação ou poder, e ainda que sirva de objeto aos agentes. A sexualidade é uma guerra, e se for ativa significa vitória, se impotente, tem o sabor de derrota. A sexualidade masculina é conduzida pela necessidade de provar constantemente sua masculinidade e superioridade em relação às mulheres, e devido a uma pseudoliberalidade sexual que seria privilégio masculino, esse privilégio transforma-se em cobrança. Essa prerrogativa possui duas faces: torna os homens dominantes, ao mesmo tempo em que os faz prisioneiros e inseguros. Para o homem, o sexo define-se como um direito, mas conjuntamente é uma obrigação. Cada relação sexual é uma batalha a ser vencida para reafirmar o poder de dominação. O ato sexual é um espaço de dominação onde os homens têm a oportunidade de mostrarem-se viris. A masculinidade e o ato sexual estão conectados, uma vez que a sociedade ensina aos homens que estes podem usá-los como um trunfo a ser usado no ato da conquista.

O corpo de dona Paula tornara-se um objeto de Rodrigo Cambará:

Frequentemente tinha de saciar o seu desejo de Bibiana no corpo magro da mulher do Nicolau, o qual começava já a desconfiar de tudo, mas preferia fingir que não sabia de nada. Rodrigo tinha pena do vendeiro e ao mesmo tempo o desprezava. Às vezes ficava irritado com Paula, porque ela não era nova, bonita e limpa como Bibiana. (VERISSIMO, 1995a, p. 218)

Na busca de satisfazer o desejo compensatório a que Adler (2003) refere-se, as pessoas podem usar umas às outras procurando compensar sentimentos de inferioridade que surgem na infância. Na luta pela adaptação ao meio em que vive, ainda que inconscientemente, já que esse advém de uma impressão subjetiva, esse sujeito irá usar o corpo como agente das práticas sociais, e, nessa trajetória, passa a usar valores, crenças, conceitos, significados, enfim,

tudo o que nela se localiza podendo chegar a usar os outros corpos ao seu alcance, como objeto de suas próprias práticas sociais. E assim, Rodrigo Cambará, usa o corpo ao seu alcance; serve-se da mulher de Nicolau. “E, fosse como fosse, era uma mulher.” (VERISSIMO, 1995a, p. 110)

E da mesma maneira usou Honorina em substituição ao corpo de Helga Kunz: “No dia em que Helga partiu, Rodrigo tomou uma grande bebedeira e nas semanas que se seguiram aliviou no corpo da chinoca cor de canela a saudade da alemã cor de leite.” (VERISSIMO, 1995a, p. 262)

7 DESCOBERTA DO FEMININO NO OUTRO

Ramos (2001) no livro *El perfil del hombre y la cultura em México* (2001), salienta que o homem mexicano expõe sua superioridade no que se refere à questão do masculino, buscando autoafirmação, procurando sentir-se seguro de si mesmo. Diz ele: “Em suas batalhas verbais ele atribui uma feminilidade ao adversário imaginário, reservando-se o papel masculino. Com este ardil visa afirmar sua superioridade sobre o adversário. (RAMOS, 2001, p. 54)¹⁰ Ramos (2001) continua afirmando que, quando este homem compara a si mesmo com outros homens, diz: “somos muito homens - Homens no sentido zoológico da palavra, isto é, um homem que desfruta de toda a potência animal e [...] fanfarrão, acredita que essa potência demonstra com a valentia. Se soubesse que essa valentia é uma cortina de fumaça.” (RAMOS, 2001, p. 56)¹¹

Bento Amaral, o herdeiro do poder máximo daquele lugar, é descrito corporalmente como um “rapagão mui guapo” (VERISSIMO, 1995a, p. 188), o melhor partido de Santa Fé, um “moço bonito” (VERISSIMO, 1995a, p. 188) A sua representação tem marcas do masculino preponderante inscrita no corpo, “era um homem grandalhão” (VERISSIMO, 1995a, p. 224), rodeado de capangas, que gozava do privilégio de mando ainda antes de receber a herança. Todo

¹⁰ En sus combates verbales atribuye al adversario una femineidad imaginaria, reservando .para sí el papel masculino. Con este ardid pretende afirmar su superioridade sobre el contrincante. (RAMOS, 2001, pp 54-55)

¹¹ Cuando éste se compara con el hombre civilizado extranjero y resalta su nulidad, se consuela del siguiente modo: “Un.europeo- disse- tiene la ciencia, el arte, la técnica, etc., etc., aquí no tenemos nada de esto, pero . . . somos muy- .hombres-» Hombres en la acepción zoológica de la palabra, es decir, un macho que disfruta de toda la potencia animal e El mexicano, amante de ser fanfarrón, cree que esa potencia se demuestra con la valentia. Si supiera que esa valentía es una cortina de humo! (RAMOS,2001, p. 56)

ele se adjetivava com palavras de exuberância e fartura. Até mesmo a voz de Bento é representativa de poder, “tinha uma voz gorda e retumbante” (VERISSIMO, 1995a, p. 226).

Através da performance de sua corporeidade leem-se as relações de poder que ele mantém com aqueles que o rodeiam. O corpo de Bento, conforme descrito pelo narrador, insere-se na lógica narrativa como uma superfície em que o poder se reflete, assim como suas roupas evidenciam sua configuração na ordem de gênero.

Para atestar sua masculinidade Bento Amaral valia-se de seu corpo, que se apresentava grande e forte, e também de seus capangas, para tornar visível seu poder de mando e evitar que fosse pessoalmente ameaçado, o que pode ser considerado discrepâncias quanto à sua virilidade, já que o fato de carregar capangas para protegê-lo poderia significar que ele não tivesse a coragem e a capacidade de defender-se sozinho se as condições se apresentassem.

O fato de ter um séquito também reforçava a ideia de que ele também não só era macho, mas era um líder entre os homens dali, pois mandava. Bento estava em condição de dar ordens. Isso o diferenciava dos demais.

O corpo de Rodrigo assim como o de Bento traz características inscritas da identidade masculina. Rodrigo é apresentado como tendo um corpo forte e saudável, sendo descrito, portanto, como um homem belo. Assim o descreve o narrador: “Os cabelos do capitão eram meio ondulados e dum castanho-escuro com uns lampejos assim como de fundo de tacho ao sol” (VERISSIMO, 1995a, p. 177)

“A pilosidade é bela quando varonil, e é legítima quando valoriza a coragem daquele que a carrega.” (DUMÉZIL, 2013, p.130) Os cabelos têm uma expressão de força mitológica. Essas verificações dos outros personagens não eram veiculadas amenamente, mas proferidas ou constatadas muito a contragosto ou até mesmo asperamente por Juvenal Terra: “Até a voz do diabo do homem era agradável: tinha um tom grave e ao mesmo tempo meio metálico,” (VERISSIMO, 1995a, p. 180) Ao mesmo tempo em que o advérbio “até” inclui a voz de Rodrigo a outras características tidas como agradáveis, o adjetivo “metálico” a relaciona ao que é duro e seco, a armas e à guerra.

Já ao referir-se ao olhar de Rodrigo não havia como deixar de perceber-se o que lá estava, declaradamente, trazendo mensagens claras de atrevimento, ousadia, prosápia e sentimento de superioridade e desejo de dominação: “Só o jeito de olhar é que não era lá muito

agradável: havia naqueles olhos muito atrevimento, muita prosápia e assim um ar de superioridade. Depois, Juvenal sempre desconfiara de homem de olho azul... No entanto, podia jurar que nunca vira cara de macho mais insinuante.” (VERISSIMO, 1995a, p. 177)

O uso de “no entanto” espera colocar em estado de adversidade “a cara de macho insinuante” em relação “ao jeito de olhar”, mas acaba por ver-se invalidado pelos substantivos “atrevimento”, “prosápia” e “superioridade”, visto que esses corroboram a insinuação que se percebe nos olhos de Rodrigo e que falam de seu orgulho, vaidade e tendência à jactância.

Todo o corpo de Rodrigo expressava superioridade e atrevimento e esse atrevimento fê-lo provocar uma luta com o filho do coronel Ricardo Amaral. A maneira como eles se posicionam, como mostram seus corpos, como entonam suas vozes, como olham e falam, transmitem suas personalidades aos que o rodeiam. O corpo dá sinais que podem ser interpretados e “esse saber sobre o corpo é um corpo de saber aberto à controvérsia e heterogêneo, globalmente coerente, mas localmente diversificado, e em geral muito sofisticado e complexo” (MANDRESSI, 2013, p. 266).

Rodrigo considera insultante a vaidade de Bento Amaral, quando observou nele o cabelo de janota¹² como também possa ser o que tenha irritado o modo que Bento “faceiramente ajeitava o lenço” (VERISSIMO, 1995a, p. 224, grifo nosso).

Ao usar esse advérbio para descrever Bento, Rodrigo tirou-lhe parte da virilidade para associá-lo ao feminino. Bento era um belo homem, mas “o homem belo, não é, absolutamente, em latim, um *bellus vir*, pois esse adjetivo, que certamente originou o nosso “belo” pode qualificar um *homo*, mas não um *vir*. (THUILLIER, 2013, p.112). Um homem podia ser belo, mas isso não queria dizer, necessariamente viril. Neste contexto, a preocupação com “as vestimentas e as particularidades corporais (cabelos, pelos) falseiam as partes maiores ou menores da feminidade de um indivíduo, e indiretamente, os limites de sua virilidade” (SARTRE, 2013, p. 46). Quando Bento aparecia como “o homem mais bem vestido da festa” (VERISSIMO, 1995a, p. 224), com o cabelo lustroso devido a algum óleo e ajeitava seus atavios “faceiramente”, ele mostrava-se feminino nesses aspectos costumeiramente associados ao feminino: Um *bellus homo* “não é um

¹² Janota é o homem que alinha harmoniosamente os cachos de sua cabeleira, que sempre cheira a bálsamo, à cânfora. (THUILLIER, 2013, p. 113)

modelo de virilidade, nem, apesar do adjetivo e da etimologia, de beleza viril.” (THUILLIER, 2013, p. 113)

Rodrigo relava-se contra tudo que Bento aparentava e que se traduzia até mesmo pelo anel que brilhava no dedo do herdeiro do poder em Santa Fé:

O diamante do anel do herdeiro do velho Amaral rebrilhava como seu cabelo besuntado de vaselina perfumada. Rodrigo imaginou-se a atravessar o terreiro, na direção do moço; viu-se a passar a mão por aquela cabeleira e despenteá-la... Por um instante o desejo de fazer isso foi tão grande que ele abraçou o tronco, como para evitar que suas pernas o levassem até Bento Amaral. (VERISSIMO, 1995a, p. 225).

Se colocasse sua marca no rosto do herdeiro do poder em Santa Fé Rodrigo lhe tiraria, assim, tanto a beleza quanto o poder: “O capitão pensava naquele rosto largo, duma boniteza desagradável, e já via nele sua marca: a primeira letra de seu nome, um R maiúsculo de sangue” (VERISSIMO, 1995a, p. 192, grifo nosso).

Por isso marcou o rosto de Bento. Connel e Messerschmidt (2015) se referem aos “padrões particulares de agressão” que estão “ligados com a masculinidade hegemônica, não como um efeito mecânico do qual ela fosse a causa, mas através da busca pela hegemonia” (CONNEL, 2013, p. 247). A luta entre Rodrigo e Bento Amaral se deu porque Rodrigo almejava, não a morte do rival, mas a humilhação pública numa demonstração de sua própria masculinidade. Ao colocar a marca no rosto, Rodrigo queria tirar-lhe “a boniteza desagradável”: “- Vou te botar minha marca na cara, pústula! (...) E riscou-lhe verticalmente a face. O sangue brotou do talho. (...) - Falta a volta do R!” (VERISSIMO, 1995a, p.198)

Mais do que ser destemido, o guerreiro deve parecer destemido. Todo o duelo apresenta-se como um embate entre dois masculinos que buscam afirmação perante o povoado, pois “trata-se de um jogo do indivíduo e da aparência, do triunfo da ostentação” (THOMASSET, 2013, p. 176). Podemos afirmar, assim, que a construção dessas masculinidades se efetua nos corpos; “perpassa (...) os atos corporais atribuídos a estas figuras, sendo um ato contínuo de resignificação e encenação” (SILVA, 2013, p. 252). O inimigo precisa pensar que está correndo perigo, que do oponente vem sua desgraça. “Coragem, força, virilidade, todas essas qualidades necessitam de encenação visto que a ostentação é um dos primeiros deveres da afirmação viril” (THOMASSET, 2013, p. 157). Bento não passava essa sensação a Rodrigo, pois respirava com dificuldade: “Rodrigo ouvia a respiração arquejante do inimigo” (VERISSIMO, 1995a, p. 233), em

sinal de grande comoção interna. Certamente dar um tiro de garrucha no oponente quando o trato era uma luta somente com arma branca não ajudou Bento na sua encenação de guerreiro audacioso a conquistar o inimigo com sua própria força moral e física.

8 MORTE E FUTURO

Rodrigo é um imediatista, e o futuro não é uma de suas preocupações, ou considerações. Ramos (2001) ao comentar a falta de preocupação com o futuro nos diz:

Ele trabalha para hoje e amanhã, mas nunca para mais tarde. O futuro é uma preocupação que aboliu a sua consciência. Ninguém é capaz de se aventurar em empresas que oferecem resultados distantes. Portanto as remove de sua consciência. Ninguém é capaz de se aventurar em empresas que oferecem apenas resultados distantes. Portanto, tira de vida uma das dimensões mais importantes: o futuro. (RAMOS, 2001, p. 59)¹³

Capitão Rodrigo demonstra uma paixão muito forte pelos prazeres imediatos da vida, inclusive os da cama e mesa. “Mas sei que vosmecê é um homem que veio de muitas guerras, gosta de jogo, de mulheres e de bebida. — E quem não gosta?” (VERISSIMO, 1995a, p. 201)

Muitas vezes ele menciona sua morte, que parece ver sempre muito próxima, não lhe deixando alternativas para planejar um futuro. “Ouça o que lhe digo. - Nunca nenhum Cambará macho conseguiu passar dos cinquenta anos.” (VERISSIMO, 1995, p.102) Com orgulho ele gosta de deixar claro que vem de uma família de guerreiros, que morrem nas guerras e portanto não envelhecem. Nessa hora da morte estará pronto e sozinho, não precisará de ninguém e de nada, não se lembrará de Deus, nem lhe pedirá misericórdia:

Não diga isso, capitão. Deus é um só e está no céu. E esse Deus único não é apenas senhor de Santa Fé. É senhor do universo. – [...] - Vosmecê não é religioso? - Não. Religião nunca me fez falta. - Há pessoas que só se lembram da Virgem quando troveja. - Quando troveja me lembro do meu poncho. - Há homens que passam a vida fazendo pouco da Igreja, mas na hora da morte mandam chamar um padre pra se confessar. Rodrigo soltou uma risada. - Chamar padre na hora da morte? Acho que nem que eu queira vou ter tempo pra isso. - Quem é que lhe garante? - Na minha família quase ninguém morre de morte natural. Só as mulheres, assim mesmo nem todas. Os Cambarás homens têm morrido em

¹³ Trabaja para hoy y mañana, pero nunca para después. El porvenir es una preocupación que há abolido de su conciencia. Nadie es capaz de aventurarse en empresas que sólo ofrecen resultados lejanos. Portanto ha. suprimido de su conciencia. Nadie es capaz de aventurarse em empresas que solo ofrecen resultados lejanos. Por lo tanto, há suprimido de la vida una de suas dimensiones más importantes: el futuro (RAMOS, 2001, p. 59)

guerra, duelo ou desastre. Há até um ditado: "Cambará macho não morre na cama." (VERISSIMO, 1995a, p. 100, grifo nosso)

O papel de morrer de velhice, de doenças é sinônimo de humilhação, de inferioridade e seria relegado às mulheres, faria parte da condição feminina, assim como cuidar dos filhos e da casa. Aos homens teria que ser dada a morte digna e honrada, rápida, devida aos guerreiros.

Não tinha preocupações com o futuro, mas gostava do presente, do que a vida podia lhe proporcionar no momento da fala, de estar vivo no agora: "— Viver é muito bom." (VERISSIMO, 1995a, p. 206) Rodrigo, enquanto guerreiro, tinha consciência da inconstância e efemeridade da vida, mas a amava: "É que gosto muito da vida." (VERISSIMO, 1995a, p. 206) Tinha consciência da morte breve e não a temia, ainda que ela pudesse tirar-lhe a possibilidade de fazer o que mais gostava, amar: "Ergueu os olhos e viu o escuro muro de pedra do cemitério. Os mortos não têm olhos para ver — refletiu — nem ouvidos para ouvir nem boca para falar. Os mortos não podem amar. Era bom estar vivo!" (VERISSIMO, 1995a, p. 260)

Rodrigo não conhecia Horácio e não sabia nada sobre *carpe diem*, mas conhecia os prazeres da juventude, do amor e da vida. Se conhecesse entenderia perfeitamente o que ele queria dizer com as palavras "no espaço breve, cortes a longa esperança. Enquanto estamos falando, terá fugido o tempo invejoso; colhe o dia, quanto menos confiada no de amanhã" (ACHCAR, 1994, p. 88)

Toda a força e essência de *carpe diem* está presente nas reflexões de Rodrigo Cambará: "Estar vivo, recobrar as forças, poder de novo montar a cavalo, andar à toa, livre, conversar com as pessoas, dedilhar a viola, cantar, jogar... E, principalmente, poder de novo ter mulher, comer e beber!" (VERISSIMO, 1995a, p.239)

Muitos vivem mediocrementemente, contentando-se com a monotonia, esperando espichar o tempo, agarrados à vida e sem saber o que esperar dela e sem nunca aspirar a muita coisa. Essas pessoas nunca têm uma noção clara de suas vidas, de suas metas, nunca descobriram por que estão neste mundo, o que realmente querem fazer. Verissimo fez de Rodrigo um personagem que ensina o que é viver intensamente, aproveitar o hoje e os prazeres que se pode extrair do corpo enquanto a morte não chega, para tirá-lo de nós.

9 CONCLUSÃO

Os personagens trabalham seus corpos, sejam masculinos ou femininos, com a ajuda da sociedade em sua totalidade de práticas sociais através de métodos e técnicas corporais diversas, já que ela, a sociedade, entende e confere ao corpo determinadas funções e lida de determinadas maneiras com os processos reprodutivos e diferenças entre os corpos, considerando o corpo um campo, uma arena, que é transportado para os processos sociais. O corpo de Rodrigo tem o poder de despertar em Bibiana um amor violento, além de possuir uma alta representatividade sexual diante de várias mulheres que o personagem encontra.

Assim, o corpo de Rodrigo veiculava sua masculinidade e transmitia sua sexualidade enquanto representativo do homem, o macho. As mulheres são, para o guerreiro, por conseguinte, objetos para seu uso, despojos de guerra; um sinônimo e símbolo de vitória e de vida. Possuir o corpo de uma mulher assemelhava-se a viver. O corpo feminino de uma bela e desconhecida mulher desperta sentimentos violentos em Rodrigo, tornando-se para ele um território a ser conquistado, um prêmio merecido quando suas estratégias de conquista se mostram vencedoras. Os corpos, assim como as marcas de sexualidade que carregam, incluem os embates de gênero e são marcados por intensas relações de poder. As representações discursivas dessas masculinidades apontam para a reafirmação de padrões de dominação masculina construídos sobre as performances dos corpos, principalmente ao apontar para modelos de virilidade.

10 REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. *Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo: Edusp, 1994.

ADLER, Alfred. *A ciência da natureza humana*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1967.

ADLER, Alfred. *A educação das crianças*. Salvador: Arte em Palavras, 2003.

ALMEIDA, Adilson José de. *Uniformes da Guarda Nacional (1831- 1852): a indumentária na organização e funcionamento de uma associação armada*. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v. 8/9. p. 77-147 (2000-2001).

BASCHAM, Richard. *Machismo*. In: A Journal of Women Studies, Vol. 1, Nº. 2 (Spring, 1976), p. 126-143)

BENITES, Suzete Necchi, BOER, Noemi. *Mapeamento de âncoras de carreira de professores da educação básica: possíveis repercussões na formação e atuação docente*. Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.4, n.2, 2015.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Traduzido por Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CONNELL, R. W. *Gênero uma perspectiva global*. 1ª edição. nVersos, 2015a.

CONNELL, R. W. *La Organización Social de la Masculinidad*. In: VALDÉS, Teresa; OLIVARRÍA, José (eds.). *Masculinidad/es: Poder y Crisis*. Santiago: Ediciones de las Mujeres, 1997, p. 31-48.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. Berkeley, CA: University of California Press, 1995.

CONNELL, R. W. *Políticas de masculinidade*. In: Educação e realidade. 20 (2), p. 185-206, 1995a.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, JAMES W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 21 (1), pp. 241-282, janeiro-abril/2015.

CORBIN, Alain et al. *História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013.

DUMÉZIL, Bruno. *O universo bárbaro: mestiçagem e transformação de virilidade*. In: COURBIN, Alain et al. *História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013, pp.125-152)

HENRICHS, Jennifer. *The riace bronzes: a comparative study in style and technique*. B. COHEN, Perikles Portrait and the riace bronzes new evidence for «schinocephaly, *Hesperia* 60. 4 (1991), 465-502.

MANDRESSI, Rafael. *O calor dos homens- virilidade e pensamento médico na Europa*. In: COURBIN, Alain et al. *História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013, pp.264-292.

RAMOS, Samuel. *El perfil del hombre y la cultura em México*. México: México de Editorial Planeta Mexicana, 2001. Disponível no link: <https://zoonpolitikonmx.files.wordpress.com/2012/07/samuel-ramos-el-perfil-del-hombre-y-la-cultura-en-mexico.pdf>. Acessado em 09.04.2013.

SARTRE, Maurice. *Virilidades gregas*. In: COURBIN, Alain et al. *História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 17-70.

SILVA, Daniele. *Redefinindo a masculinidade no Parzival de Wolfram von Eschenbach: o caso do eremita Trevrizent*. In: Opsi, v. 13, n. 1, jan./jun. 2013, p. 248-264.

THOMASSET, Claude. *O medieval, a força e o sangue*. In: COURBIN, Alain et al. *História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.153-202.

THUILLIER, Jean-Paul. *Virilidades romanas: vir, virilitas, virtus*. In: COURBIN, Alain et al. *História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 71-124.202.)

VALINIEFF, Pierre. *Psicanálise e complexos*. Edições MM. Rio de Janeiro: 1972.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento, O continente I*. 31ª edição, Editora Globo S.A.,1995a.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento, O continente II*. 31ª edição, Editora Globo S. A.,1995b.

VERÍSSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. 14. ed. Porto Alegre: Globo,1980.



Submissão: 11 de outubro de 2016
Avaliações concluídas: 20 de janeiro de 2017
Aprovação: 09 de outubro de 2017

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

GIACOMOLLI, Dóris Helena Soares da Silva. *Corpo - Reflexo De Sexualidade E Masculinidade Em Um Certo Capitão Rodrigo De Erico Verissimo*. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 17, N. 02, p. 103-130 de 141, Jul./Dez., 2017. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >